

Inspirar o Diálogo em Tempos de Incomunicação.¹

Adriana C. A. do AMARAL²

Ingrid Pfützenreuter Castanho BIZAN³

Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, São Bernardo do Campo, SP

Resumo

Este texto contextualiza o processo comunicacional, compreendido outrora como linear, entendido como dependente do conhecimento e das experiências pessoais de cada indivíduo, que permite a criação de vínculos entre as partes. Com esse objetivo, estudam-se as diferenças entre discurso e diálogo, a importância das narrativas e vínculos e o impacto da hipótese da agenda setting, de modo a enfatizar a importância da comunicação dialógica, sobretudo num tempo como este em que o Brasil acaba de definir, após importante embate polarizado, o pleito eleitoral. Este texto, de natureza reflexiva, tem como referenciais teóricos principais Jesús Martín-Barbero, Luiz Beltrão, Mikhail Bakhtin, Paulo Freire e Vilém Flusser.

Palavras-Chave: Comunicação; diálogo; discurso; educação; política.

Metodologia

A partir da leitura crítica, propomo-nos avaliar as boas práticas difundidas por estes pensadores. Acreditamos ser oportuno debater e estimular as teses defendidas por eles que, em seus textos, defendem a comunicação baseada numa troca dialógica, fundamentada na construção do conhecimento conjunto e norteadas para uma relação ganha-ganha, numa estratégia para gerar a evolução apenas possível a partir da troca e do ato de se comunicar.

Tendo como panorama de fundo a política, não temos a pretensão de analisar relações partidárias, mas sociais; como as pessoas têm se manifestado de forma excludente e pouco crítica nas ruas, em seus domicílios, círculos de amigos e nas plataformas virtuais. Em tempos de ausência da prática dialógica são crescentes os embates que limitam e geram ruídos na comunicação.

A nossa leitura mostra um cenário das relações sociais onde cada indivíduo defende sua própria tese, sem levar em conta contextos mais amplos, onde os grupos sinérgicos se

¹ Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL 2018.

² Mestranda do Programa em Comunicação Social da UMESP, email: adriaral@gazeta.ws. Este artigo faz parte do projeto de pesquisa para a obtenção do grau de mestre, desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Roberto Joaquim Oliveira.

³ Mestranda do Programa em Comunicação Social da UMESP, email: ingrid.bizan@gmail.com. Este artigo faz parte do projeto de pesquisa para a obtenção do grau de mestre, desenvolvido sob orientação da Prof. Dr. Alexandre Cappellozza. Bolsista CNPq.

atraem e os opostos de excluem e a convivência tende a se limitar por “bolhas” ou “ondas”. A leitura dos textos de Jesús Martín-Barbero, Luiz Beltrão, Mikhail Bakhtin, Paulo Freire e Vilém Flusser mostram caminhos que valem a pena resgatar: valorização do eu para promoção do nós.

Entendemos que os autores defendiam a identificação e valorização da cultura nata e o compartilhamento desta, a comunicação dialógica resultante das históricas individuais, o saber acumulado e o compartilhar deste são saberes cumulativos e transformadores. A vivência em sociedade não está dissociada das práticas individual e coletiva.

Dos elementos da comunicação

A comunicação já foi resumida como um processo entre: Emissor – Mensagem – Receptor. Modelo onde o emissor envia sua mensagem na certeza de que o receptor a receberia e a entenderia da forma como foi criada, numa analogia à teoria da agulha hipodérmica, que defende que uma mensagem é “injetada” no receptor. Este, automaticamente, reage de acordo com o proposto na mensagem.

Exemplificando: George Orson Welles, ao narrar no rádio em 01 de novembro de 1938, a “Guerra dos Mundos”, um clássico da ficção científica, instaura o caos. Em pânico, milhares de pessoas mobilizam-se contra a invasão alienígena fictícia. Uma narrativa que tornou-se discurso e entrou para história.

Temos claro que mensagens enviadas não são simplesmente inseridas na mente do receptor e compreendidas da forma como foram planejadas. O receptor não é mero decodificador de mensagens, ele é, também, um produtor de informações.

Na redefinição da cultura é fundamental a compreensão de sua natureza comunicativa. Isto é, seu caráter de processo produtor de significações e não mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor. (Martín-Barbero, 1997)

Fenômeno vivenciado no Brasil com a difusão das *fake news*, que marcaram o processo das eleições presidenciais. Verdades tornaram-se mentiras e mentiras produziram significados.

Turbulências sociais gerando mudanças culturais

Período de intensas transformações sociais, políticas e tecnológicas. Movimentos sociais do processo de democratização e lutas políticas. A necessidade de se comunicar com o outro se faz presente. Este é o cenário vivido neste final de 2018.

Os estudos culturais exploram as formas de produção ou criação de significados e a comunicação deixa de ser pensada como processo linear cunhado somente nos meios ou no texto. A indústria cultural entende a leitura simbólica com apropriações e produção de significados de acordo com as experiências individuais de cada receptor. Admite as influências de fatores sociais, culturais, políticos que ressignificam a decodificação da mensagem e, conseqüentemente, a sua interpretação passa a ser individual.

Com a criação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, de Raymond Williams e Richard Hoggart, os meios de comunicação de massa passam a ter outro sentido: cultural. Desconstruindo a expressão e reposicionando a maneira de pensar a relação entre as novas tecnologias e as práticas sociais. A mudança principal é o entendimento do leitor como produtor de sentido e não apenas um objeto submetido aos efeitos da ação comunicativa externa.

É importante mencionar que Nestor Garcia Canclini considera a produção de sentido a partir da teoria do consumo. A teoria contextualiza o processo de apropriação em condições sociais desiguais, aparecendo como marcador de distinção, integração e diversidade simbólica. A mensagem ressignificada de acordo com seus conhecimentos e experiências, tendo as classes sociais diferenças de condições de vida, estudos e experiências, perpetua as condições desiguais.

Cultura de grupos transformando a sociedade

Sempre em movimento, a cultura é campo de batalhas cheio de tensões. Por ser plural, existe um jogo de poder onde não existem vencedores ou perdedores, pois acontece num processo dialógico. O poder decisório é de incluir ou excluir pessoas, mas não capaz de apagar a história da construção cultural. Como dito pelo Prof. Dr. Herom Vargas: Cultura é um grande arcabouço de dados, novos ou antigos, próximos ou distantes, que podem ser acionados em qualquer momento.

Cultura e sociedade são interligadas. Cultura é onde as coisas significam, sociedade é onde as coisas acontecem. Para Martín-Barbero, o receptor da mensagem é produtor de significações, não mero decodificador.

Vemos, de forma clara, a relação da cultura com a sociedade remetendo à leitura de um livro (núcleo). O conteúdo pode ser lido por diversas pessoas gerando novos e diferentes significados em todas as leituras.

Podemos afirmar que o núcleo é menos flexível do que as fronteiras e zonas periféricas, mas, mesmo assim, há o processo de produção de significado. Sendo então menos flexível, porém passível de transformação, podemos concluir que nas fronteiras e zonas periféricas temos as maiores possibilidades de transformação e produção de significados.

Do diálogo ao discurso à construção de significados

Discurso é exposição de ideias, tem a preocupação de defender a posição do locutor diante dos receptores. O diálogo, por sua vez, é interação entre dois ou mais indivíduos que tem como preocupação compreender o lado oposto e, através disto, estabelecer comunicação e trocar experiências. Assim o diálogo é uma das formas com as quais podemos criar vínculos com outras pessoas. Discurso é um fenômeno social em todas as esferas de sua existência. (Bakhtin, 1993, p.71).

Assim, o discurso é “o processo pelo qual informações existentes são transmitidas por emissores, em posse de tais informações, para receptores que devem ser informados”. Por outro lado, o diálogo “é processo pelo qual, vários detentores de informações parciais e duvidosas (ou, em todo o caso, duvidadas) trocam tais informações entre si a fim de alcançar síntese que possa ser considerada informação nova” (Vilém Flusser 2007, p. 89-90).

Diálogo e discurso dependem um do outro. Para produção de novas informações temos as trocas dialógicas, cujas informações foram colhidas em discursos anteriores. No contrário, o emissor do discurso dispõe de informações colhidas em trocas dialógicas anteriores.

Para Vilém Flusser, a comunicação é parte de um processo para esquecimento da solidão de uma vida direcionada à morte.

A comunicação humana como fenômeno da liberdade tem o propósito de promover o esquecimento da solidão de uma vida para a morte, para tornar a vida vivível. O mundo codificado é “construído a partir de símbolos ordenados, no qual se repesam as informações adquiridas”(Vilém Flusser, 2013: 96)

Para Martín-Barbero os vínculos favorecem o diálogo. Especificamente seus estudos sobre TV, verificamos como as mediações são importantes no processo comunicacional. Com o início das transmissões televisivas, esse objeto (TV) passou a exercer influência na vida privada e pública das pessoas (Privada: ato de assistir a TV, Pública: como indicativo de inserção tecnológica). As mídias sociais vêm ocupando as lacunas hoje não cobertas pela televisão e demais meios de comunicação, ganhando dimensões que

extrapolam a relação individual/familiar ou coletiva ao ampliar o seu raio de ação/influência em todos os espaços: público, corporativo, institucional e político.

Se no passado recente a televisão tinha um local de destaque no ambiente residencial, inclusive reorganizando a vida das pessoas, hoje o computador e o smartphone dominam inclusive as relações familiares. É questionável, contudo, se o grande volume de novas formas de comunicação aumentou ou reduziu a capacidade de comunicação interpessoal.

Portanto o diálogo, sendo a comunicação não um processo linear, pode se tornar um conflito. Os diferentes canais de comunicação também são geradores de conflito.

O discurso gerador de conflitos pela ausência da relação dialógica

Em nossos dias atuais podemos perceber os mais variados tipos de conflitos gerados por tentativas de diálogos que mais parecem discursos. Principalmente no aspecto político, onde a criação de vínculos é forte, da mesma forma em que a pouca compreensão do outro como ‘produtor de significado’ é alarmante.

Muitos se queixam de falta de comunicação. Não há falta de comunicação, e sim de diálogos efetivos (trocas de informações para produzir novas informações). Hoje predomina o discurso, então os homens se sentem solitários. (Patrícia Sales Patrício, 2015)

Falta compreender que o diálogo é composto por narrações. Ou seja, é crescente, hoje, a ausência da construção, através do recorte da realidade pinçado por quem realiza a narração.

O ato de narrar é, sobretudo, uma forma de conhecimento e compreensão da realidade. A narrativa não é um relato, mas se caracteriza, antes, por oferecer uma maneira específica e diferente de se entender o mundo em sua complexidade. (Künsch, 2005/2008)

Ao dialogarmos ou discursarmos estamos narrando algo. Muito além do impulso de contar histórias, a narração é uma das modalidades do ser social e político, a partir de uma perspectiva relacional. Contamos histórias para estabelecer narrativas comuns, que nos permitam criar vínculos. Por isso, é de extrema importância a compreensão do outro como produtor de significado e assim, privilegiar diálogos construtivos e não como disseminadores de ódio.

Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. (Bakhtin, 1998)

Vivenciamos diariamente a incompreensão do outro, muitas vezes dirigida através de discursos inflexíveis, que, conforme González Rey, 1997, aprisiona as pessoas em uma configuração subjetiva, fanática em um único ponto de vista.

Com o incentivo ao diálogo, com a compreensão do outro como produtor de significados, abrimos o caminho para a o enriquecimento de debates e produção de novas idéias, pois posições opostas são importantes, e, a partir delas, temos o desenvolvimento humano.

Da agenda setting

Como este estudo visa inspirar o diálogo em tempos de incomunicação, é oportuno discutirmos os processos comunicacionais, diálogos, narrações e vínculos. É importante que seja entendido (brevemente, já que o objetivo deste texto não é aprofundar tal hipótese) como são pautados diariamente os assuntos/temáticas e, conseqüentemente, bombardeados nos meios de comunicação: a agenda *setting*.

As pessoas têm tendência para incluir e excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem e excluem do seu próprio conteúdo. Assim como atribuir a mesma importância atribuída pelos mass media. (Shaw, 1979)

A hipótese agenda setting, cujo estudo foi desenvolvido pelos pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw, em 1972 - anteriormente publicada no ano de 1922 por Walter Lippmann em sua obra clássica *Public Opinion*- nos indica que a mídia tem o poder de pautar os temas da agenda pública.

Nós devemos assumir que o que cada homem faz é baseado não no conhecimento direto e certo, mas nas imagens produzidas por ele ou dadas a ele. Se o seu mapa afirma que o mundo é quadrado, ele não velejará perto do que acredita ser o fim do nosso planeta, por medo de despencar. Nós devemos considerar primeiramente os fatores-chaves que limitam o acesso das pessoas aos fatos. As imagens que formamos em nossa mente são os censores artificiais, as limitações do contato social, comparativamente o curto prazo disponível a cada dia para prestar atenção aos temas públicos, a distorção criada porque eventos têm que ser comprimidos em mensagens muito curtas, a dificuldade de fazer um pequeno vocabulário expressar um mundo complicado e, finalmente, o medo de lidar com estes fatos que poderiam ameaçar a rotina estabelecida na vida dos homens. (LIPPMANN, p. 16, 1922).

Sendo a pauta dos diálogos interpessoais sugerido pela agenda pública (redes sociais, jornais, rádios), este mecanismo propicia a hierarquização dos assuntos que serão tratados entre os receptores. Isso porque o público tende importar-se mais com assuntos com maior exposição nos meios de comunicação.

A realidade social passa a ser parte de um cenário construído a partir dos assuntos pautados pelos meios de comunicação de massa. A imprensa pode não conseguir fazer com que as pessoas pensem como ela quer, mas tem uma capacidade espantosa de sugerir os temas a serem pensados. (Cohen, 1963)

Corrobora nosso estudo o fato de que grande parte da literatura sobre agenda setting tenha sido realizada e aplicada em períodos de campanhas eleitorais, tal qual este texto, uma vez que eleições fornecem subsídios para análise da influência dos meios de comunicação sobre a opinião pública, sendo produzidas muitas informações (verdadeiras, ou não) que serão assimiladas pelo público, levando-os a formarem suas opiniões baseados no cenário construído.

Embora não seja conclusiva a evidência de que os meios de comunicação de massa alterem profundamente as atitudes em uma campanha, é muito mais forte a evidência de que os eleitores aprendem pela imensa quantidade de informação disponível durante cada campanha. (Mccombs e Shaw, p. 2, 1972).

Os meios de comunicação de massa centram a atenção em certas questões. Constroem imagens públicas de figuras políticas. Apresentam constantemente objetos que sugerem em que deveríamos pensar o que deveríamos saber e o que deveríamos sentir. Os materiais que os meios de comunicação selecionam podem nos dar uma semelhança de um conhecimento do mundo político. (Lang e Lang, 1966 In: Moragas, p. 89-90, 1985).

Deixaremos claro, no decorrer deste texto, que as ressignificações estão diretamente ligadas às experiências e conhecimento individual e que o impacto da agenda setting é maior ou menor dependendo do conhecimento e experiências individuais. O pressuposto fundamental da agenda setting é que a compreensão de grande parte da realidade é fornecida, por empréstimo, pelos mass media. (Shaw, 1979)

A possibilidade de reprodução e o impacto de temas veiculados nas redes sociais é diferente do impacto de temas veiculados na televisão, inclusive os conteúdos televisivos. Esses temas se proliferam de acordo com o conhecimento de quem recebe e decide (ou não) compartilhar. Passou-se do conceito de manipulação para a distorção deliberada das notícias com fins políticos ou pessoais. (Golding – Elliott, 1979). Chegamos até aqui: a agenda setting determina as pautas da agenda pública; cada pessoa, dentro de suas experiências e conhecimento, fará sua narração do tema; haverá criação de vínculos; haverá diálogos; haverá discursos; deverá haver compreensão de

cada pessoa como produtora de sentido; deverá haver compreensão de que cada narração é um recorte da realidade e assim, evitar a distorção deliberada.

Ninguém ignora tudo ninguém sabe tudo (Paulo Freire)

Definitivamente, o amor não está no ar. Vivemos tempos onde o diálogo encontra as barreiras na polarização das ideias e ideais. Neste final dos anos 2018, vivenciamos rupturas significativas na sociedade. Nosso foco principal é o Brasil, mas, é claro, muito do que será avaliado neste trabalho poderá ser extrapolado para os países vizinhos e o restante do mundo. Afinal, culturas nascem de povos que deveriam dialogar como serem pensantes. E não antagonistas!

A releitura dos escritos de Luiz Beltrão mostra a importância do jornalismo como difusor de informações, mas também valorização dos conhecimentos populares. Ele foi crítico da elitização do foco da notícia e propagador da cultura popular.

É próprio da nossa natureza informar-se e informar, reunir a maior soma de conhecimentos que ocorre no nosso grupo familiar, nas vizinhanças... Através desse conhecimento dos fatos, homem como se alimenta o seu espírito e, fortalecendo no exame das coisas e conseqüências dos acontecimentos, sente-se apto à ação (Beltrão, 1960, p. 23)

Remetendo à canção Funeral de um Lavrador, de Chico Buarque de Holanda, perguntamos: qual a parte que nos cabe neste latifúndio, quando a nossa terra parece estar dividida?

Durante as suas palestras, registradas no livro: A Importância do Ato de Ler, Paulo Freire nos lembra que todos são protagonistas, pois o viver precede o saber e continua depois dele. Testemunhou que, quando criança, a (sua) leitura do mundo foi a “palavramundo”; quando adulto defendeu que o analfabeto é capaz de sentir a caneta antes de perceber a caneta.

Em sociedade que exclui dois terços de sua população e que impõe ainda profundas injustiças à grande parte do terço para o qual funciona, é urgente que a questão da leitura e da escrita seja vista enfaticamente sob o ângulo da luta política e a que a compreensão científica do problema traz sua colaboração (Freire, 1993, p. 9)

A mera informação, sem o juízo de que valorize e a interprete, faria do jornalismo uma algavaria (Luis Beltrão)

A alfabetização de adultos, a partir da aplicação e difusão do Método Paulo Freire: a valorização da *Folk*comunicação (corrente comunicacional criada por Luiz Beltrão que

ganha força anos após a morte do jornalista) e a teoria da mediação, são atemporais, factíveis de serem aplicadas, porém requerem espaço para o escutar, falar, trocar, somar, partilhar. Por isso, entendemos ser tão importante rever os trabalhos destes pensadores.

O conhecimento adquirido através destes autores, possível a partir do reconhecimento do outro e do outro e do outro, a partir de experiências com anônimos (povo) nos proporciona alargar os nossos saberes e a expande a troca entre todos nós. Sinérgicos, os autores apontam caminhos, a releitura da obra dos três mais uma vez prova que o saber é uma construção solidária e participativa.

Luiz Beltrão deu voz aos ditos marginalizados. Categórico, denunciou que sem os excluídos, o processo comunicacional não se realiza. Afinal, a cultura de uma nação é formada pelo conjunto de seu povo e os meios de comunicação precisam levar em conta os pensares, agires e produções populares, sem preconceitos que ao muito além da propaganda pelas elites.

Os relatos e as ideias expressas pelos veículos jornalísticos têm o propósito de permitir ao homem um pronunciamento, uma decisão, de impulsioná-lo à ação (Beltrão, 1992, p. 99)

A imprensa, mais especificamente o jornalismo, é imprescindível, na visão de autor, como ferramenta de orientação. Jornalista de formação, ele, entretanto, sempre teve uma visão crítica da prática jornalística que não está limitada apenas ao que é lido, mas é complementada através dos comentários entre os leitores.

O fazer jornalístico serve-se do cotidiano, é genérico e é praticado por pessoas para pessoas. Defensor da ética no jornalismo, ele foi prático e estudioso, tentando apontar caminhos e exigir a prática libertária, porém responsável. Mesmo porque o jornalismo não é definitivo, já que é cotidiano e o cotidiano é transformador. O jornalismo é feito do público para o público (Beltrão, 1960, p. 117).

Vale ressaltar, contudo, que a mera difusão de conteúdos não é o bastante. É preciso garantir que o leitor seja capaz de codificar as mensagens. Também, as diferentes realidades, locais, sejam inseridas nas pautas, para que o leitor tenha interesse em lê-las e debatê-las.

Praticar sempre para aprender e aprender para praticar melhor (Paulo Freire)

São muitas as lições a serem tiradas da prática de Paulo Freire, que extrapolam a alfabetização, mas se expande para o reconhecimento através do conhecimento que se

expande com a leitura da escrita. A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele (Freire, 2002, p. 20)

Para ele, a alfabetização de adultos era um ato político, um ato de conhecimento e um ato de criador. Por isso, ponderou sobre o mito da neutralidade ao considerar impossível separar a educação da política.

É tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. Isto não significa, porém, que a natureza política do processo educativo e o caráter educativo do ato político esgotem a compreensão daquele processo de deste ato... Ser impossível, de um lado, uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade das questões fundamentais... tanto no caso do processo educativo quanto no do ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de a favor de quem e do quê, portanto contra quem e contra o quê, fazemos a educação e de a favor de quem e do quê, portanto contra quem e contra o quê, desenvolvemos a atividade política (FREIRE, 2002, pg 23).

Freire escreveu que o Brasil foi inventado de baixo para cima, autoritariamente. Nunca antes foi tão urgente, como ele pediu no passado: precisamos reinventá-lo em outros termos.

Estando de um lado da rua, ninguém, estará em seguida no outro, a não ser atravessando a rua. Se estou no lado de cá, não posso chegar ao lado de lá, partindo de lá, mas de cá. Assim também ocorre com a compreensão menos rigorosa, menos exata da realidade (Freire, 2002, p.27)

Já na sua experiência com alfabetização de adultos, na República Democrática de São Tomé e Príncipe, ele ponderou sobre o respeito ao que é diferente e algumas vezes imposto. Deixou escrito que a prática aconteceu no terreno comum, nesta identidade de opções políticas, com prováveis e salutares divergências (Freire, 2002, p. 37). Ou seja, em qualquer lugar do mundo deve-se levar em consideração a cultura e realidade local. Assim, o método Paulo Freire de alfabetização pôde ser realizado e tornou-se reconhecido mundialmente.

A história se repete ou estaria interligada ao seu passado? A leitura de Jesús Martín-Barbero, Luiz Beltrão, Mikhail Bakhtin, Paulo Freire e Vilém Flusser são tão atuais! Há muito significado em suas palavras, muito aprendizado em suas páginas e muita reflexão em suas obras. Décadas são muito pouco tempo para rupturas.

Na medida em que a reconstrução nacional é a continuidade da luta anterior, do esforço anterior em busca da independência, é absolutamente indispensável que o povo todo assuma, em níveis

diferentes, mas todos importantes, a tarefa de refazer a sociedade, refazendo-se a si mesmo também. Sem esta assunção da tarefa maior - e de si mesmo na assunção da tarefa-, o povo abandonará a pouco e pouco a sua participação na Feitura da História (Freire, 2002, pg 41).

Em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire enfatizou que subjetividade e objetividade se encontram. Para ele, a unidade dialética do pensar e atuar transformam realidades. Caberia trazer o texto abaixo para analisar este final de 2018?

A consciência é a consciência do mundo: o mundo e a consciência, juntos, como consciência do mundo, constituem-se dialeticamente num mesmo movimento – numa mesma história. Em outros termos: objetivar o mundo é historicizá-lo, humanizá-lo. Então, o mundo da consciência não é a criação, mas, sim, elaboração humana. Esse mundo não se constitui na contemplação, mas no trabalho (Freire, 2005, p. 17).

Dá muito trabalho formar leitores e, principalmente, leitores críticos. Estariam as mídias sociais e as *fake news* empobrecendo a compreensão dos conteúdos? A ausência de reportagens e a difusão do jornalismo baseado em releases e não em evidências investigativas estaria formando um novo perfil de comunicador? “Este mundo não se constitui na contemplação, mas no trabalho (Freire, 2005, p. 17).

Ao analisar a formação cultural do povo brasileiro, Beltrão escreveu que o processo de colonização brasileira alargou a distância entre os povos que formaram o Brasil. Alguma coincidência com o fenômeno que vivenciamos no primeiro turno das eleições, quando o nordeste se distinguiu do restante do país ao solidificar nas urnas a sua posição, levando o pleito ao segundo turno? A vivência e cultura diferentes de um mesmo povo poderiam explicar como os fatos se deram.

Num contraponto, o que poderia ter aproximado essas *gentes* não foi capaz de fazê-lo. Beltrão diz que as elites, de posse da imprensa, que deveria unir, não contribui para a manutenção e o fortalecimento da unidade brasileira. As mídias sociais, que deveriam ser mais democráticas não contribuem muito para amenizar as distâncias sociais.

A palavra humana imita a palavra divina: é criadora (Paulo Freire)

Sem dúvida, o poder da palavra é inquestionável para quem escreve, fala, ouve. A palavra é viva. Ela pode ser interpretada de diferentes formas, por isso é lança e alvo, caça e caçador, crime e castigo, justiça e carrasco.

Pelas mídias sociais as palavras são escritas e replicadas quase sempre sem o conhecimento ou a referência histórica, fonte ou fundamento. São palavras soltas ao

vento. Não importa a fonte, o fundamento, a ideia é compartilhar e somar *likes*. Ver e ser visto.

A reverberação de textos, vídeos, mensagens sem contexto não informa nem transforma. Por outro lado, a leitura superficial dessas mensagens provoca ruídos e rupturas. Aprendemos com os pensadores destacados que, apenas consciência política, construída pelo reconhecimento e identificação individual conectado ao coletivo transformam as pessoas mútua e definitivamente. O homem é um ser de relações, e através delas transforma a natureza, graças a seu trabalho, defendeu Freire enquanto Luiz Beltrão entende que indivíduo resulta do contexto cultural, social e histórico em que ele está inserido.

Ainda sobre a América Latina, de seu exílio no Chile, no ano de 1967, Paulo Freire registrou:

Os homens humanizam-se trabalhando juntos, para fazer do mundo, sempre mais, a mediação de consciências que se coexistenciam em liberdade. Aos que constroem juntos o mundo humano, compete assumirem a responsabilidade de dar-lhes direção. Dizer a palavra equivale a assumir conscientemente, como trabalhador, a função de sujeito de sua história, em colaboração com os demais trabalhadores – o povo (Freire, 2005, pg 22)

Conclusão

A propaganda política e a reverberação de textos, vídeos, mensagens sem contexto não informa nem transforma. Por outro lado, a leitura superficial dessas mensagens provoca ruídos e rupturas. É preciso estar atento e forte, como cantaram e fizeram cantar os brasileiros Caetano Veloso e Gilberto Gil há meio século. Decifrar as mensagens, códigos e signos compartilhados, estudar os conteúdos em seus contextos e, principalmente, abstermo-nos de julgamentos preconceituosos.

Procuramos, com este estudo, instigar o pensamento crítico que apenas consciência política, construída pelo reconhecimento e identificação individual transforma as pessoas mútua e definitivamente. O homem é um ser de relações, e através delas transforma a natureza, graças a seu trabalho, defendeu Freire enquanto Luiz Beltrão entende que indivíduo resulta do contexto cultural, social e histórico em que ele está inserido.

No mesmo dia em que o novo cenário político brasileiro foi definido, democraticamente, as divulgações, a partir de ameaças contra a liberdade de imprensa e cerceamento da autonomia individual foram amplamente divulgadas nas mídias sociais

e convencionais. Também por isso entendemos que o papel da academia tornou-se crucial. “Este mundo não se constitui na contemplação, mas no trabalho (Freire, pg 17, 2005).

Referências:

BELTRÃO, Luiz. A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Ed. Folco Massucci, 1969

BELTRÃO, Luiz. Iniciação à filosofia do jornalismo. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1960

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: Ed. Hucitec, 1993

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta. Rio de Janeiro: Ed Relume Dumará, 2002

FLUSSER, Vilém. Bodenlos: Uma autobiografia Filosófica. São Paulo: Ed Annablume, 2007

FREIRE, Paulo. A Importância de Ler: Ed. Cortez Editora, 2002

FREIRE, Paulo. A Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

FREIRE, Paulo. Por uma Pedagogia da Pergunta. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985

GONZÁLEZ REY, F. L. Epistemología cualitativa y subjetividade. São Paulo: Ed. EDUC, 1997

GONZÁLEZ REY, F. L. Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico cultural. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson Learning, 2005

LANG, Kurt; LANG, Gladys E. Los Mass Media y las Elecciones, 1966. In: MORAGAS, Miquel de. Sociologia de la Comunicación de Masas: Propaganda Política y Opinión Pública. Barcelona: Gustavo Gili, 1985

KÜNSCH, D. A. Maus pensamentos. São Paulo: Ed: AnnaBlume, 2005

LIPPMANN, Walter. Public Opinion. Nova Iorque: Ed. New York Free Press, 1922.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De los médios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonia. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; MUNHOZ, Sonia. Televisión y melodrama: géneros y lecturas de la telenovela en Colombia. Bogotá: Ed. Tercer Mundo, 1992

McCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. The Agenda-Setting Function of the Mass Media. Public Opinion Quarterly, vol. 36 (2), 1972.

PATRICIO, Patricia Sales. Comunicação: um véu para esconder a solidão e a morte. São Paulo, abril.2015. Disponível em:
http://www.usp.br/cje/entretxtos/exibir.php?texto_id=107. Acesso em 31 outubro 2018.

VATTIMO, Gianni. A sociedade transparente. Lisboa: Ed. Relógio d'Água, 1992

VIGOTSKI, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003